



EXTRAVERSÃO: O CORPO EXTRACOTIDIANO DO CARNAVAL

DANIELA RICARTE¹; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS²

¹Universidade Federal de Pelotas – dan.ricarte@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – thiagofolclore@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A arte, a dança, o carnaval são ricos terrenos para inovação, ressignificação, e mudança de paradigmas. Isto é, além da existência de condições, símbolos codificados existem escapes, suspensões, códigos alternativos suscitados de acordo com as particularidades de cada contexto. (RODRIGUES, 1975, p. 132)

Ao nos debruçar sobre corpo, analisamos também o sujeito, já que existir no mundo é existir corporalmente (LE BRETON, 2012); no carnaval o corpo se apresenta fora da ordem, fora do contexto cotidiano, “constituindo uma carga simbólica expressiva ao corpo que se ajusta àquele contexto particular de sua ocorrência” (JESUS, 2013, p.101); ações cotidianas ganham outra projeção e significado, e, nesse ciclo, ao observarmos o corpo neste outro contexto apreenderemos mais sobre esse dado cenário e sociedade.

Assim, podemos compreender que as práticas mudam em relação aos lugares, situações, grupos, “maneiras de portar seu corpo, de se apresentar aos outros, de se mover, de se orientar segundo a posição ocupada no espaço social.” (DANTAS, 2011, p. 7-8).

Corpo e meio são co-dependentes, tanto na cotidianidade quanto na extracotidianidade, o carnaval implicado na extracotidianidade, carrega significados próprios, particulares, diferentes e não necessariamente opostos aos do período não carnavalesco; há, nesse período, portanto, uma suspensão das normas usuais, não que outras normas não sejam estabelecidas, postas em operação.

2. METODOLOGIA

As discussões sobre corpo se fazem presentes na história e cada vez mais têm ocupado a cena contemporânea, apoiado num entendimento de corpo dependente de sua imersão contextual (RODRIGUES, 1975; GOELLNER, 2010a e MAUSS, 2003), das teorias foucaultianas sobre a docilização dos corpos (FOUCAULT, 1987) e JESUS (2013) no tocante ao corpo do carnaval; procuramos elaborar uma reflexão acerca das suspensões e operações de diretrizes e normas no contexto do carnaval.

Contudo, pretendemos lançar o olhar para um tempo e espaço específicos: o corpo do e no carnaval. Como em outro espaço-tempo o corpo se faz produto e produtor de linguagem e comunicação e, portanto, debruçar-se sobre seu comportamento é forma de leitura contextual, de enxergar àquele determinado universo.

As reflexões aqui apresentadas integram o debate realizado no âmbito do Projeto de Pesquisa “Folguedos e danças folclóricas marginais do e no Rio



Grande do Sul”, que integra o Grupo de Pesquisa OMEGA – Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte (UFPel/CNPq).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Num movimento de olhar atrás na história ocidental, enxergamos os ditos e escritos de René Descartes e sua teoria dualista, que implicava na separação entre corpo e mente, um estar dentro e fora de si próprio simultaneamente, avaliando o corpo e suas sensações como menores que a razão – lógica que produz consequências sentidas até os dias de hoje.

Entretanto, no final do século XIX outros estudos transformariam esse entendimento, como NIETZSCHE (s.d apud DANTAS, 2011, p. 5) que apontou o corpo como não mais impedimento para o conhecimento, e sim, como fonte, de saber, de prazer, de poder.

Os estudos sociológicos entendem corpo como algo expressivo, circundado de dado contexto (tempo/espaco) com potencial comunicativo e de linguagem.” uma vez que a construção do conhecimento se dá pelas experiências singulares do sujeito e estas estão ligadas diretamente à ideia de sujeito-corpo. (JESUS, FRANKEN CORRÊA, 2017, p. 187)

Para RODRIGUES (1975) o corpo, ou o entendimento de, (por seu caráter simbólico e contextual) varia de sociedade para sociedade, de tal forma que a relação sujeito-sociedade determina comportamentos, normas, paradigmas:

A cultura dita normas em relação ao corpo; normas a que o indivíduo tenderá, à custa de castigos e recompensas, a se conformar, até o ponto de estes padrões de comportamento se lhe apresentarem como tão naturais quanto o desenvolvimento de seres vivos, a sucessão das estações ou o movimento do nascer e do pôr-do-sol. (Rodrigues, 1975, p. 45-46).

Ou seja, o corpo sofre interferências da sociedade em que está inserido “Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno.” (GOELLNER, 2010a, p. 29); objeto de educação, controle, um corpo é educado na escola e fora dela, em todos os espaços sociais, indicando modos de vestir, de comer, de se comportar, de ser (GOELLNER, 2010b, p. 74)

Sobre a educação dos corpos RODRIGUES (1975, p.62), por sua vez, aponta que o corpo tem relação direta com o contexto, impregnado, portanto, de seus valores. Por efeito, se entendemos a sociedade como objeto de constante transformação, podemos compreender, também, sujeito, e, portanto, corpo, em permanente construção afetado pelas esferas culturais, sociais; históricas; conectado ao contexto; repleto de significados.

Foucault (1987) adiciona a esses conceitos os aspectos de controle e disciplinarização dos corpos, isto é, o corpo é o espaço onde os discursos se inscrevem, discursos estes, operados e construídos a partir das instituições sociais dominantes que determinam certos comportamentos desejáveis ou indesejáveis, modos de ser e estar no mundo.

Ainda nesta construção, podemos apontar que controlar o tempo “age de modo decisivo na configuração dos comportamentos corporais instaurados e tidos



como padrão nas sociedades.” (JESUS, 2013, p. 95) Assim sendo, controlar o tempo é também controlar os corpos, docilizá-los e discipliná-los.

O carnaval surge como uma possibilidade de escape de tempo e, por consequência, de suas diretrizes, implicando, ainda, em outro corpo, diferente do corpo do tempo regular; JESUS (2013, p. 97) aponta que no carnaval, “o tempo regular (...) é ressignificado, redimensionado, reorganizado e modificado estruturalmente (...) assume sua condição de tempo excepcional, extraordinário (...)”.

DA MATTA (1997) *apud* JESUS (2013) aponta algumas suspensões de normas cotidianas no período carnavalesco, a exemplo:

- modificações na relação entre os sexos: sendo permitido a homens vestirem-se e representarem mulheres;
- exibição em lugar do recato;
- inversões de status: sujeitos outrora anônimos ganham posição de destaque, viram foco dos olhares, enquanto outros cotidianamente vistos e observados tomam o lugar de espectador, observador.

Considerando a suspensão do tempo cotidiano, o contexto muda; suspendem-se valores éticos e estéticos, mudam-se as técnicas corporais, abre-se espaço para a ressignificação de movimento e comportamento cotidiano, “permitindo a configuração de uma versão de corpo para fora da versão ordinária, uma **extraversão**¹ (...)”. (JESUS, 2013, p. 96)

A extraversão se efetiva e se expressa no corpo, e enquanto símbolo principal do carnaval, é nele que se materializam e consolidam as relações (JESUS, 2013). Essa extraversão seria, portanto, linguagem corporal alternativa, paralela, adicional, exterior à cotidiana, sem contudo, representar necessariamente uma variação oposta ou inversa à versão cotidiana:

Ainda que o emprego de certas técnicas corporais cotidianas possam ser encontradas no carnaval - como caminhar, saltar e girar - constrói-se uma outra gramática gestual; o que, reforça a relação entre cotidianidade e extracotidianidade. Mas, também, salienta que seu uso em ambiente extracotidiano o circunscreve como extracotidiano, ou poderíamos dizer em situação de extracotidianidade. Esta gramática configura, assim, linguagem de corpo alternativa, ou, uma extraversão da movimentação corporal rotineira. (JESUS, 2013).

Ou seja, existe um modo de comportar-se que é do carnaval, e como tal, é regido por normas, paradigmas e valores próprios, isto é; recorrências nos gestos, ações, significados e maneiras de ser, sem, contudo, apagar subjetividades, especificidades ou aspectos de pequenos contextos, sujeitos e singularidades, dentro deste maior, o carnaval.

4. CONCLUSÕES

¹ Extraversão é uma proposição conceitual apresentada na Tese de Doutorado “Corpo, Ritual, Pelotas e o Carnaval: uma análise dos desfiles de rua entre 2008 e 2013”, apresentada e defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, em 2013.



A linguagem do corpo só pode ser entendida em sua relação com o contexto, ou, “corpo e contexto, antes de existirem de determinado modo, estão, em constante movimento, retro-alimentando-se”. (JESUS, 2013, p. 100).

Há marcas simbólicas nos comportamentos cotidianos e extracotidianos dos sujeitos; há marcas circunscritas no carnaval, que compõe um ethos corporal carnavalesco; há particularidades, singularidades, peculiaridades, subjetividades nos sujeitos, imersas nesse tempo extraordinário, possibilitadas por sua extraversão, ainda que, coerentes com seu papel, função, lugar.

Inferimos, por ora, que no grande extracotidiano extraordinário do carnaval, ainda que hajam suspensões das normativas regulares e cotidianas, estabelecem-se outras normas, outras formas de ser e estar, diferentes paradigmas, rotinas próprias, outros critérios e valores, ressignificações, “não basta, portanto, mexer o corpo de qualquer jeito. Há modos próprios de fazê-lo (...)” (GONÇALVES, 2010, p. 47 apud JESUS, 2013, p. 107).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DA MATTA, R. **Carnavais, Malandros e Heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANTAS, M. F. O corpo dançante, entre a teoria e a experiência: estudo dos processos de realização coreográfica de duas companhias de dança contemporânea. **Do Corpo**: ciências e artes, v. 1, p. 112-172, 2011. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/docorpo/issue/view/90/showToc> Acesso em 4 out. 2017.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: história de violência nas prisões. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 28-40.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação RBCE** – Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.1, n.2, p. 71-83, mar. 2010b. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/984> Acesso em: 04 out. 2017.

JESUS, T. S. A. **Corpo, Ritual, Pelotas e o Carnaval**: uma análise dos desfiles de rua entre 2008 e 2013. 2013. 366f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) - Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina.

JESUS, T.S.A.; CORRÊA, J. G. F. No Corpo do (Con)Texto: do tempo cotidiano, do tempo espetacular. **Rev. Cena**, Porto Alegre, n. 22, p. 185-196, jul./out. 2017. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/72666> Acesso em: 04 out. 2017.

LE BRETON, D. **Antropologia do Corpo e Modernidade**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.



3ª SEMANA
INTEGRADA
UFPEL 2017



XXVI CONGRESSO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA

MAUSS, M. Noção de Técnica do Corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

RODRIGUES, J. C. **O Tabu do Corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.